**FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS: FLAGRANTE SOCIAL NA OBRA DESPERTAR DO SILÊNCIO**

**XI CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**A pesquisa em Educação: aprofundamento epistemológico e compromisso com as demandas sociais**

**31 mar., 1 e 2 abr. 2020 – Montes Claros (MG)**

**Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)**

**Mestranda Rosilene Aparecida Froes Santos**

Profa. da Unimontes

rosy.froes@yahoo.com.br

**Doutor Marcio Jean Fialho de Sousa**

Prof. da Unimontes

pcopmarciojean@gmail.com

**Mestranda Rosana Froes Santos**

Profa. da Unimontes

rosa.froes@yahoo.com.br

A educação de surdos vem ampliando seu espaço nas discussões acadêmicas contemporâneas, nessa ótica esse trabalho tem como problema: quais flagrantes sociais apresentam-se na obra *Despertar do silêncio*? Propõe-se como objetivo revelar os flagrantes sociais relacionados às filosofias educacionais para surdos presentes na obra em questão, bem como refletir a respeito da educação de surdos. O presente trabalho estruturado por meio da pesquisa bibliográfica tem como objeto de estudo a autobiografia *Despertar do silêncio* (2004), da autora surda brasileira Shirley Vilhalva, e as filosofias para a educação de surdos.

**Palavras-chave**: *Despertar do silêncio*; Filosofias Educacionais; Flagrante Social.

**Referencial teórico**

A obra *Despertar do silêncio* (2004), da autora surda Shirley Vilhalva, tem como foco a exposição de acontecimentos vividos pela própria autora, tendo como fio condutor as suas memórias, “[...] a autora inicia sua obra revelando que nasceu em 1964 e, quando criança, foi diagnosticada com surdez neurossensorial severa bilateral, o que acarretou, nesse período de sua vida, momentos de angústia e tristeza” (SOUZA; SANTOS, 2018, p.5).

A narradora-personagem apresenta sua história e as dificuldades oriundas da surdez, possibilitando assim, a representação da vida dos surdos, em sua maioria, que por não desenvolverem a língua oral perdem o lugar de fala. A autora ao assumir uma posição frente aos problemas propicia à obra o caráter de literatura empenhada, uma vez que essa “parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor [...] parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica” (CANDIDO, 1988, p.180). Nessa perspectiva de engajamento e denúncia a autobiografia apresenta alguns flagrantes sociais, dentre eles as filosofias educacionais para surdos: oralismo, comunicação total, bilinguismo e inclusão. A fala a seguir mostra o início da vida escolar da narradora-personagem:

[...] minha avó avisou a professora para que ela deixasse eu sentar na primeira carteira por que eu não ouvia direito, na verdade eu não ouvia nada apenas lia as palavras que as pessoas diziam, lendo os lábios, a expressão do rosto e das mãos fazendo mímica representativa ou indicativa, usando exageradamente a intuição e vivia mais na dúvida do que na certeza (VILHALVA, 2004, p. 21).

No primeiro contato com a escola, a narradora-personagem experimenta algumas situações angustiantes, primeiro ela é apresentada como quem não “ouve direito”, ao invés de surda, e o esforço para fazer a leitura labial e não obter êxito, sentindo-se angustiada, desabafa: “nem sempre o que os ouvintes acham que é bom para o surdos realmente é” (VILHALVA, 2004, p. 21), um exemplo disso é a busca pela cura da surdez e a constante decepção, “fui em mais um médico, eu já estava cansada de ir ao médico para eles verem meus ouvidos, sempre, sempre indo ao médico e depois ver minha mãe e minha avó chorando, eu não gostava de ir ao médico” (VILHALVA, 2004, p. 33-34), tais situações evidenciam a inconformidade familiar e social com a surdez, bem como a necessidade de reabilitação para a comunicação por meio da língua oral, tais elementos remetem ao Oralismo, que “percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. [...] ou seja, o objetivo do oralismo é fazer a reabilitação da criança em direção á normalidade, á ‘não-surdez’” (GOLDFELD, 2002, p. 34), a narradora-personagem viu-se sujeita dessa filosofia por um determinado tempo de sua vida.

Dentre as diversas situações vividas no contexto escolar, merecem destaque as tentativas de comunicação em sala de aula, “tudo que a professora explicava eu não entendia e uma das duas colegas me explicava [...], iam falando no sentido concreto das palavras ou com apoio de alguns sinais ou até mesmo usavam mímicas para minha melhor compreensão” (VILHALVA, 2004, p. 23), ao evidenciar o uso de diversas estratégias para comunicação entre surdo e ouvinte no contexto escolar, comprova-se o insucesso do Oralismo e o surgimento da filosofia denominada Comunicação Total, que caracteriza-se pela aceitação de vários recursos para garantir a conversação, tendo como foco “os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes [...], essa filosofia defende a utilização de recursos espaço-viso-manuais como facilitadores da comunicação” (GOLDFELD, 2002, p. 38). Tal filosofia foi disseminada no Brasil no final dos anos 70, neste período Willian Stokoe[[1]](#footnote-2) desenvolveu pesquisas demonstrando que a Língua de Sinais possuía características gramaticais como qualquer outra língua. Com tais estudos, essa língua vê-se valorizada e passa a ser utilizada nas escolas para o ensino de surdos, sendo idealizadas pelos mesmos: “o sonho permanecia de um dia encontrar uma escola de surdos” (VILHALVA, 2004, p. 57), “amigo é o primeiro sinal que aprendi quando entrei neste mundo tão mágico desconhecido... chamado escola de surdos” (VILHALVA, 2004, p. 61), nessa perspectiva, essa escola é vista como o principal caminho para a aprendizagem daqueles que não ouvem, uma vez que possibilita o ensino por meio da sua primeira língua. Emerge nesse contexto o Bilinguismo, que

[...] tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a Língua de Sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial do país. [...] O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias (GOLDFELD, 2002, p. 42-43).

Assim, a narradora-personagem apresenta ao leitor o modelo bilíngue, nesse o surdo desenvolve-se por meio da valorização da sua língua e da sua cultura, contudo, poucas foram às escolas bilíngues implantadas no Brasil. Atualmente, a educação é pautada na proposta da Inclusão, que também é percebida claramente na autobiografia de Shirley Vilhalva, quando relata que sua turma era composta por colegas com necessidades especiais.

[...] Dina como era conhecida tem Deficiência Física, cadeirante, Ácacia Milhomem que trabalhava com Deficiência Mental, Cibelle Rabelo que eu considerava superdotada, Neuza e Margareth que equilibravam. O grupo com suas atitudes calmas e eu surda. Esse grupo foi maravilhoso (VILHALVA, 2004, p. 40).

Essa fala faz referência à Educação Inclusiva que consiste na “adoção de um novo paradigma educacional fundamentado no processo de construção do conhecimento e no respeito à diferença” (SILVA, 2006, p. 4), ou seja, na criação de espaços educacionais preparados para receber os alunos com suas diversidades, propiciando a entrada desses alunos no contexto escolar e garantindo a permanência.

**Resultados**

Ao propor a elucidação dos flagrantes sociais relacionados às filosofias educacionais para surdos, presentes na obra *Despertar do silêncio*, este trabalhou se fez relevante por possibilitar reflexões referentes à educação de surdos sob a ótica da vivência do sujeito surdo, ou seja, da narradora-personagem. A pesquisa apresentada encontra-se no eixo Políticas Públicas de Inclusão e como resultado evidenciou as filosofias educacionais utilizadas para o ensino do surdo e seus desdobramentos, bem como, mostrou que as filosofias educacionais presentes na história dos surdos desde o século passado, fizeram parte do processo de ensino de pessoas surdas que vivem no contexto educacional atual, e que, portanto, podem e devem fortalecer as discussões sobre teorias para ensino de surdos na contemporaneidade.

**Referências**

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1988. p. 169-191.

GOLDFELD, Márcia F. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista*. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

SILVA, Adilson Florentino da. *A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de; SANTOS, Rosilene Aparecida Froes. *A autorrepresentação do sujeito surdo na autobiografia da autora surda Shirley Vilhalva*. Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA. 2018. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/view/2101/1038>. Acesso em: 04 mar 2020.

VILHALVA, Shirley. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.

1. Professor na Universidade de Gallaudet, fundada em 1857, única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas surdas. Está localizada em Washington - Estados Unidos. [↑](#footnote-ref-2)